

Editorial

Educação e maioria: perspectivas e desafios para a emancipação e para a cidadania

A apresentação pública de mais um número da revista *Espaço Pedagógico* é sempre gratificante. Neste número, em especial, temos a grata satisfação de apresentar textos e reflexões que tratam de um tema fundamental para a sociedade e, de modo especial, para a educação. Até que ponto a educação, no seu sentido amplo, está efetivamente contribuindo para a maioria, entendida como emancipação dos sujeitos e da própria sociedade? Ainda tem sentido colocar em debate essa temática na atualidade? Acreditando que a questão da maioria, posta em debate de um modo sistemático pela tradição iluminista, ainda tem sentido de ser problematizada, é que foi organizado o presente número.

Compõem esse número da revista artigos de pesquisadores brasileiros e também alemães, que, através de um diálogo construtivo, lançam novos olhares sobre temas e problemas que cruzam fronteiras espaciais. A contribuição dos pesquisadores com reconhecidas trajetórias investigativas nos

dá a certeza da qualidade das reflexões produzidas, aqui traduzidas em textos. A publicação dessas pesquisas reafirma compromissos que vêm sendo construídos através de intercâmbios que envolvem ensino, pesquisa e atividades afins. Esse diálogo interinstitucional entre a Universidade de Passo Fundo e a Universidade de Kassel, via intercâmbio, e também entre pesquisadores brasileiros está contribuindo para o crescimento de todos os participantes. O diálogo que está sendo construído tem contribuído para o reconhecimento de diferenças socioculturais, socioeconômicas e intelectuais de regiões e países, bem como se coloca como requisito para a efetivação da nossa própria maioria. Quem é capaz de dialogar, no sentido de um confronto qualitativo de posturas diferentes, está contribuindo para a construção da maioria.

Dos textos que compõem o presente número, o de Hans-Georg Flickinger, "Dimensões da maioria e educação", inicia a discussão do tema proposto. Problematisa o conceito de

maioridade enquanto reconhecimento da autonomia e aponta para os limites desse debate quando restrito à autonomia individual. Reconhece também os limites quando o debate sobre a maioridade fica restrito ao âmbito jurídico-civil. O pensamento burguês traz consigo uma visão individualista de liberdade que é insuficiente para uma perspectiva mais ampla de maioridade e de autonomia. Para além das obrigações legais, é preciso incorporar a dimensão ético-moral. A dimensão estritamente legal, constitutiva da cultura burguesa, é limitada, pois conduz ao egoísmo. Nesse contexto, a educação tem um papel fundamental de integração das novas gerações na sociedade e, por conseguinte, de construção da maioridade. Conclui o autor que a maioridade implica um duplo reconhecimento: dos deveres e dos fundamentos ético-morais. Somente dessa forma se pode pensar na maioridade social e política.

Segue Schmied-Kowarzik com o texto "Sobre o sentido e o fim da história: questões para Hegel e Marx em face do exterminismo", que discute, a partir de dois autores clássicos (Hegel e Marx), o "fim da história", ou seja, a questão do exterminismo. Os problemas decorrentes do modo de produzir e da organização social no contexto capitalista apontam para uma tendência ao exterminismo. No entanto, nem Hegel nem Marx apregoaram um fim da história nos moldes propostos, por exemplo, por Fukuyama. A dialética hegeliana não diz respeito a processos históricos empíricos, mas ao âmbito dos conceitos. Fukuyama, que se diz

apoiado na dialética de Hegel, associa o fim da história com base em duas evidências históricas: a posição hegemônica de mercado no contexto da globalização e a supremacia da democracia liberal. Uma das contribuições do texto de Schmied-Kowarzik está na importância de se ler os clássicos de um modo fundamentado e consistente. Para Schmied-Kowarzik, o "fim da história" em Marx e Hegel nada tem a ver com as conclusões de Fukuyama, que leu especialmente Hegel de modo superficial e equivocado e tirou conclusões precipitadas. Marx, por sua vez, desloca a dialética em relação a Hegel para o plano histórico e coletivo. Daí a importância de se pensar a questão ética numa perspectiva de práxis e no contexto das condições objetivas de produção. A temática do exterminismo não é problematizada no âmbito do pensamento de Hegel, que, segundo Schmied-Kowarzik, nada fala a respeito. Enquanto isso, em Marx, podem-se encontrar elementos para aprofundar a questão do exterminismo, embora não especificamente sobre o tema. As questões a que se referem dizem respeito à consciência ética – práxis social – como possibilidade de superar as práticas de controle sobre os homens. Do texto se podem tirar várias conclusões, mas gostaria de destacar uma delas, que é o desafio da maioridade intelectual que precisamos construir para ler os clássicos nos contextos e a partir das questões que efetivamente propuseram.

O texto de Giacoia Junior, "A educação em Nietzsche e Adorno", aborda um tema fundamental para se pen-

sar na maioria. Põe em discussão o conceito de formação e, para tanto, parte de um questionamento sobre a capacidade efetiva da educação formal de formação, ou seja, em que medida a educação cria as condições para a elevação espiritual. Esse questionamento nos leva a interrogar as propostas de avaliação, compartimentadas e mensuráveis, perdendo de vista a noção de uma formação de base. Giacoia Junior retoma de Adorno a noção de “pessoa formada” segundo dois critérios: ter horizontes e ter sensibilidade espiritual. A formação-base implica, entre outras questões, o enfrentamento da compartimentalização e da fragmentação do conhecimento; a formação implica a capacidade de relacionar conhecimentos, não de isolá-los. De um modo crítico e fundamentado, Giacoia Junior põe em discussão um dos problemas centrais da educação, no contexto atual, que é a tendência a dobrar-se perante os interesses do mercado, fazendo com que as consciências deixem de se emancipar para se tornarem reificadas. Giacoia Junior diz, com base em Nietzsche, que a instrumentalização da *Bildung* é a “perversão maior da modernidade”, visto que a formação cede lugar a uma semiformação que não é orgânica, reflexiva ou crítica, mas é caótica. A semiformação não possibilita o estabelecimento de relações, e o sujeito torna-se objeto e peça de uma engrenagem. A semiformação leva à deformação, que, por sua vez, tende à barbárie. Com base nas reflexões propostas pelo texto, pode-se dizer que a formação é um dos pressupostos para a maioria.

Claudio Dalbosco, em “Um ponto cego na formação moral do sujeito moderno? Giacoia Junior e a crítica nietzscheana à fundamentação do si mesmo”, reconstrói a noção de “si mesmo”. Para tanto, percorre os caminhos da reflexão de Giacoia Junior ao reconstruir, a partir da filosofia desde os gregos, passando pelos modernos até chegar a Nietzsche, as principais discussões sobre a liberdade do sujeito e a questão do “si mesmo”. Problematisa a limitada concepção de razão que não consegue dar conta do que Nietzsche chama de “grande razão corpo”, ou seja, o si mesmo não pode se limitar aos elementos e aspectos racionais. Daí a crítica às teorias dualistas, especialmente de Platão e Descartes, por privilegiarem a razão em detrimento do mundo sensível ou do corpo que envolve os instintos, a afetividade etc. A noção de “grande razão corpo” é uma tentativa de superação das concepções dualistas em direção a uma visão integrada, embora também se apresente limitada. O texto avança para algumas implicações filosóficas e pedagógicas tendo como eixo a necessidade de discutir a questão do corpo dentro de uma visão orgânica. Entre os desafios propostos está o de uma formação moral. Diante dessas questões conclui pela necessidade de um diálogo aberto, na perspectiva socrática, como condição para a superação de posturas dualistas. À educação coloca-se o desafio de uma formação aberta e dinâmica e capaz de formar o sujeito em todas as dimensões.

Em “Iniciação científica: em busca da maioria prometida”, Bruno Pucci

põe em discussão, com base em experiências de orientação de pesquisas, a construção da maioria intelectual dos pesquisadores. O texto problematiza de uma forma pedagógica processos de construção de conhecimentos através da constituição de grupos de pesquisa e o papel da iniciação científica na formação de pesquisadores. A discussão é de interesse para a academia, especialmente num contexto em que os recursos destinados à pesquisa sofrem pressão de toda parte. O investimento na iniciação científica, muito bem caracterizada como experiência global de pesquisa, coloca-se como condição para a formação de pesquisadores competentes e em condições de dar conta dos desafios da pesquisa no contexto atual. Ao partir de experiências construídas ao longo da trajetória intelectual, Pucci consegue problematizar vários elementos relativos ao conhecimento e aos processos de pesquisa que se colocam como desafios para a ciência e também para a formação de pesquisadores. O texto traz uma importante contribuição para as políticas de iniciação científica no âmbito das universidades.

Na sequência, "Saúde e doença: uma visão filosófica", de Alvaro Valls, propõe uma discussão extremamente significativa, embora muito pouco efetivada no âmbito das ciências. Ao propor um diálogo interdisciplinar, especialmente entre as áreas da saúde e a filosofia, o autor aborda um dos problemas centrais das ciências na medida em que se especializam e perdem de vista a totalidade da vida. Essa perda de uma visão do todo produz uma sé-

rie de consequências, entre as quais um reducionismo ao tratar a saúde e a doença de forma polarizada e dicotômica. Por conseguinte, a saúde é vista positivamente, ao passo que a doença é concebida de forma totalmente negativa. O autor traz para o debate a contribuição de vários pensadores, entre os quais Nietzsche, Kierkegaard, Jaspers, Junges, Lapargneur. As questões problematizadas pelo texto contribuem com as ciências da área de saúde e também com a educação, na medida em que novas perspectivas de compreensão da relação saúde/doença têm implicações pedagógicas e sociais. A construção de novas perspectivas sobre o cuidado e a qualidade de vida depende, em grande parte, do trabalho educativo.

As contribuições de Frank Hermenau com o texto intitulado "Contextos do conceito de educação" não se limitam ao alvo principal da discussão, que são as transformações na educação no contexto de globalização na Europa. As transformações sociais e econômicas em curso no mundo produzem novos conceitos, que passam a substituir outros que possuem significados distintos. O problema é que esses novos conceitos nem sempre têm significados claramente definidos. O conceito de "educação", entendido como "formação", vai cedendo lugar para o conceito de ensino; o conceito de "globalização" vai substituindo o então questionado conceito de "progresso"; a "formação integral" (básica) passa a ser substituída pelo discurso das "competências". Hermenau diagnostica alguns problemas e também

tendências educacionais na Europa, especialmente na Alemanha, mas que se fazem presentes também no Brasil e na América Latina. Como tendência geral, observa um esvaziamento da educação no sentido da *Bildung*, ao mesmo tempo em que cresce a tendência pragmática de uma formação de caráter mais instrumental, voltada para o mercado global. Essas tendências, conclui Hermenau, negam a noção de educação enquanto formação e ofuscam qualquer perspectiva de mudança. O determinismo apregoa-do pelos intelectuais da globalização retira do indivíduo a possibilidade de uma vida melhor futura ou presente. O texto nos provoca no sentido de que a educação precisa se constituir enquanto espaço de resistência a essa tendência determinista, que, ao negar a utopia, aprofunda um pessimismo nada edificante.

“Educacion estetica: una nueva cosmovision en la escuela”, de Graciela Ormezzano, traz para o debate uma dimensão fundamental da educação que é a estética. No debate contemporâneo, a dimensão estética ganhou novos patamares e tem provocado significativas guinadas epistemológicas. A ruptura com o paradigma positivista da objetividade ocorreu com a contribuição da estética e da arte. A experiência estética aponta para a totalidade, realidade a partir da qual surgem múltiplos questionamentos à tradição moderna, especialmente em relação à supremacia da racionalidade, bem como em relação à fragmentação do conhecimento em áreas específicas, particularmente na relação corpo e

razão, razão e imaginário. A discussão proposta por Ormezzano vai no sentido de problematizar a importância do sensível e das emoções na construção do conhecimento numa perspectiva estética. Um dos grandes desafios é como dar conta dessas questões sem cair numa visão idílica, ou seja, como tornar a razão mais estética e a estética racional. Esse é, certamente, um dos grandes desafios para a educação.

Fecha o conjunto de artigos o texto de Heinz Eidam e Claudio Almir Dalbosco “Educação como prática de liberdade – Paulo Freire como contraponto”. Num contexto de globalização econômica, de exclusão e de consumismo, os autores recuperam o potencial crítico de Paulo Freire, particularmente uma das dimensões fundamentais do seu pensamento, que é a crítica aos determinismos. A perspectiva antropológica freireana de que o homem se constrói historicamente e nas relações com os demais e com o contexto, possibilita reconstituir a dimensão utópica do agir humano. De Freire os autores recuperam ainda o conceito de práxis como possibilidade de superação do subjetivismo, bem como do seu oposto, o objetivismo. O ser humano age não apenas motivado pelas suas paixões e motivações subjetivas, ou seja, a leitura feita de Freire recupera a dimensão da práxis enquanto possibilitadora da emancipação dos oprimidos através de intervenções refletidas e elaboradas. É nesse ponto que os autores buscam aproximações entre as contribuições de Freire com autores da tradição moderna. Mesmo incorporando inúmeros elementos da

realidade brasileira, particularmente as experiências desenvolvidas no Nordeste, Freire se apropria de vários elementos da tradição filosófica moderna, incluindo as contribuições de Marx e Hegel, bem como de autores contemporâneos, especialmente os da tradição existencialista e personalista e do pensamento cristão.

O presente número da revista encerra com uma resenha do livro "Ensaio frankfurtiano", organizado por Antônio Zuin, Bruno Pucci e Newton Ramos de Oliveira. A resenha, elaborada por Arnaldo Nogaro, reconstrói os principais argumentos que perpassam o livro que discute as questões centrais da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Nunca é demais insistir na contribuição e atualidade das pesquisas e reflexões desenvolvidas pelos intelectuais que fizeram parte do movimento conhecido como Escola de Frankfurt. Como diferentes problemas de investigação e preocupações, os principais expoentes da Escola de Frankfurt evidenciaram a importância do pensamento crítico, a impossibilidade da neutralidade das ações, a necessidade de uma visão de totalidade e os desafios de superação das múltiplas formas de alienação existentes no mundo contemporâneo.

Ao concluir essas considerações iniciais, pode-se dizer que as questões propostas para o debate buscam responder a uma questão central: as possibilidades da educação enquanto mediação para a maioria. Com diferentes enfoques, temas e autores,

essa preocupação se faz presente. O que se pode inferir das reflexões, sem cair num pessimismo, é que os desafios para a educação na atualidade se multiplicam. Ao estabelecermos como horizonte a construção da maioria, a educação é desafiada a dar conta da subjetividade e dos contextos; superar perspectivas reducionistas de homem e de ciência (fragmentação do conhecimento); romper com as tendências deterministas no contexto de globalização econômica e do mercado; compreender o homem e a sociedade numa perspectiva estética de totalidade; construir referenciais críticos; contribuir na formação integral dos sujeitos com uma sólida base ético-moral. Os desafios se multiplicam. Como parte dos compromissos que temos de ajudar a construir a maioria é que colocamos à disposição dos leitores os textos que compõem o presente número da revista *Espaço Pedagógico*.

Para finalizar, um agradecimento especial ao professor Claudio Almir Dalbosco, pelo empenho em organizar o presente número e também por contribuir na tradução e na revisão de textos da língua alemã para a portuguesa. Nessa mesma linha, os agradecimentos aos professores Adilson Eskelsen e Wolfgang Leo Maar pela tradução de textos.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Dr. Telmo Marcon
Editor

Apresentação

A maior parte dos textos aqui reunidos procura dialogar com autores modernos e contemporâneos tomando como fio condutor o tema “educação e maioria”. Cabe mencionar, ainda que brevemente, uma palavra sobre o tema. Quando tratada a partir da modernidade clássica e de autores como Rousseau, Kant e Hegel, a relação entre educação e maioria revela uma íntima conexão com a idéia da emancipação humana, conquistada mediante a autonomia moral e intelectual. Nesse contexto, o trabalho educativo e pedagógico assume centralidade na conquista de tal autonomia. O quadro que se desenha a partir da modernidade clássica, no qual são formulados conceitos iniciais que marcam definitivamente o desenvolvimento intelectual, filosófico e pedagógico posterior, revela um maior otimismo em relação à possibilidade de que os seres humanos se tornem maiores por meio de suas tarefas e compromissos educativos.

Esse otimismo passa a ser cada vez mais questionado depois da morte de Hegel e atinge seu apogeu filosófico, de maior fôlego e consistência, nos

ataques dirigidos por Nietzsche contra a cultura ocidental moderna. A partir de então, a relação entre educação e maioria é vista sempre mais com maior desconfiança, culminando na crítica adorniana à racionalidade e à cultura moderna.

Por último, uma convicção que perpassa todos os textos aqui propostos repousa na idéia de que tanto uma crítica aos modismos, que impregnam os meios pedagógicos, como uma reatualização do debate sobre a relação entre educação e maioria são profundamente dependentes de um diálogo entre filosofia e pedagogia.

Um agradecimento especial aos professores Adilsom Eskelsen e Wolfgang Leo Maar pela tradução do alemão para o português de artigos que compõem o presente número. Com os textos aqui propostos, pretende-se contribuir no debate sobre as possibilidades de uma educação para a maioria dos sujeitos.

Dr. Claudio Almir Dalbosco
(organizador deste número)